

GILBERTO CAMPISTA GUARINO

comigo um pequeno gravador, já anugó, mas em bom funcionamento. No meio da conversa, estimada senhora, de chofre, me diz:

“— O Sr. sabe...”

“— Sim...”

“— Vi um soneto uma única vez, e, encantada com sua beleza, decorei-o, quando o Sr. Leopoldo Cirne para mim o leu, de imediato, como se tivesse tirado uma fotografia mental dos versos. E dele jamais me esqueci: até hoje o guardo.”

Como estivéssemos em ambiente espírita, franco e interessado nas coisas do “outro mundo”, perguntei-lhe que soneto era aquele, afinal. Ela insistiu em não deixar seu nome ligado ao episódio, mas arrematou:

“É, de fato, o soneto...”

“Pois não...”

“...O soneto era de Hermes Fontes.”

“De Hermes Fontes?”, perguntei eu...

“Sim, de Hermes Fontes...”

“Gosto muito de Hermes Fontes. De que trata o soneto?”

“Ele foi recebido em Pedro Leopoldo, na presença do Dr. Melo...”

“Melo Teixeira?!, cortei-lhe, aos saltos, a voz...”

“Sim... conhece-o?...”

“Prossiga por favor...”

“É um soneto dedicado à viúva do poeta...”

“Não é possível, interrompi eu, novamente. Milha filha... este soneto está desaparecido há anos e anos... Ninguém lhe tem a cópia. A última vez que o vi, há muito tempo, estava já puído, dentro da carteira do Dr. Melo Teixeira. Ele desencarnou e o soneto perdeu-se. Pelo amor de Deus... vamos até a copa... a senhora precisa recitar para mim este soneto... vou gravá-lo.”

E assim foi. O soneto surgiu. De 1968 para cá, esteve quase perdido nas bibliotecas de César Burnier. Até que, novamente, veio à tona: Uma fita, um rolo antigo, gravado ainda em 50 ciclos, a tessitura vocal ligeiramente prejudicada, mas... lá estava... e aqui, por vez primeira, ficou.

Hermes Fontes terá, logicamente, acompanhado todo o episódio. As personalidades se fundem. A vida não cessa.

Chico. Um fraterno abraço do irmão

PAULO GOULART

MARIO DONATO

No dia 12 de agosto de 1944, o famoso escritor Mario Donato publicou um artigo no “Estado de São Paulo” sobre as mensagens psicografadas por Chico Xavier, onde em certos trechos declara:

“Não posso admitir que um homem, por mais ilustrado que seja, consiga pastichar, tão magnificamente, autores como Humberto de Campos, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, etc...”

Opto pela explicação sobrenatural, que não satisfaz a minha consciência é verdade, mas apazigua a minha humaníssima vaidade de literato. Pode lá um homem avultar tantos palmos, por suas próprias forças, sobre a cabeça dos demais? Pode lá plagiar, velozmente como o faz Chico, Humberto, Antero e outros do mesmo naipe, a quem não se pasticha, senão depois de larga experiência literária e trabalhosa noite de insônia? Não, absolutamente. É milagre. Coisas assim não podem ser senão milagre, puro milagre. Há qualquer intervenção sobre-humana no fato; não porque o diz o Chico Xavier, mas porque assim o exige a nossa arrogância.

Positivamente não aceito a autoria de Chico Xavier, e aceito a de Humberto de Campos, como a de Antero... e qualquer outro que, do lado de lá, tenha o mau gosto de praticar literatura. E creio que esta é a atitude mais humana, a mais condizente com a nossa falta de humildade. É milagre, e o milagre, não explicando nada, explica tudo.”

E conclui euforicamente:

“Pois se não admitirmos que o caso é milagroso, temos que levar o Chico Xavier à Academia Brasileira de Letras e, naturalmente, estamos mais dispostos a reconhecer-lhe amizades no céu que direitos literários ao Petit Trianon.”

Ou se aceita Humberto subsistindo no outro mundo ou se aceita Chico Xavier valendo por Humberto e mais meia dúzia de cérebros arqui-privilegiados.”

Humilde y austero, Chico Xavier es la más exquisita antena psíquica del siglo XX.

Revista CONOCIMIENTO DE LA NUEVA ERA - Argentina